

O JOVEM
POE



A mansão
dos horrores



CUCA CANALS

O JOVEM



POE



A mansão
dos horrores



CAMALEÃO

Rio de Janeiro, 2025



Carta aos que estão lendo um romance meu pela primeira vez	vi
1. O caixão	1
2. Sequestrados ou assassinados?	15
3. Em busca de pistas	22
4. Estamos todos em perigo	31
5. Tentativa de assassinato?	43
6. Um milagre	49
7. Sequestrador de crianças	60
8. Assassina à vista?	67
9. Beco sem saída	77
10. O parque vermelho e outras pistas	86
11. A solução está no boné	93
12. A casa do terror	96
12+1. Minha primeira tortura	101
14. O garrote vil e o monstro de oito pés	106
15. Um final surpreendente	110

CARTA AOS QUE ESTÃO LENDO UM ROMANCE MEU PELA PRIMEIRA VEZ

Prezado amigo ou amiga:

Meu nome é Edgar Allan Poe, tenho 11 anos e vivo com meus padrastos na rua Morgue, em Boston, capital de Massachusetts.

Minha mãe morreu há 3 anos, mas meu pai está vivo, embora eu tenha constatado isso há pouco tempo. Descobri que está estabelecido em Dublin, graças à informação de um parente distante. Ao que parece, ele nos abandonou depois da morte de minha mãe. Tenho 2 irmãos de sangue, Rosalie e William Henry. Nós três vivíamos juntos em um orfanato até sermos adotados há dois anos e irmos parar em famílias diferentes. Por sorte, Rosalie vive com seus

padrastos a apenas duas ruas da minha casa. Por sua vez, William Henry reside em Baltimore, a 642 km de Boston.

Meus pais adotivos têm outro filho, Robert Allan, de 16 anos. Eu não o suporto. Ele me odeia porque acha que vou ficar com o dinheiro de seus pais. Está sempre brigando comigo. Estou convencido de que quer me matar.

Na escola me chamam de “O Esquisito”, mas não me importo com o que os outros dizem. A quem prejudico sendo como sou? Por um acaso não somos todos um pouco esquisitos? Quem é que não tem alguma mania? Não são piores os que dizem ser normais mas sempre perturbam os outros? Acho que ser esquisito significa ser único. E isso, mais do que um defeito, me parece uma virtude.

Adoro fazer formas geométricas com tudo: com o purê de batatas faço quadrados; com as pedrinhas do jardim faço triângulos; e nas superfícies empoeiradas desenho círculos com a ponta do meu dedo indicador. Não suporto que os objetos que estão colocados um ao lado do outro se encostem. Por exemplo, talheres ou giz de cera. Quando vou dormir, antes de fechar os olhos, tenho que contar até 13. Além disso, sou um pouquinho supersticioso. Sempre que vou a algum lugar no qual não havia estado antes, preciso formar um círculo caminhando. Pelas manhãs, sempre saio da cama pisando no chão do meu quarto com o pé direito. Quando erro, fico na cama o dia todo, mesmo que tenha que inventar que estou doente, pois, caso contrário, meus

pais adotivos não permitiriam! Durante as noites de tormenta, sempre me asseguro de dormir com a barriga coberta e a janela bem fechada. Faço isso desde que li que os fantasmas podem roubar seu umbigo e devorar você sem piedade.

Outro motivo pelo qual me rotulam de esquisito é que meu padrasto é dono de uma funerária, um lugar que, certamente, visito com frequência: sempre que se irrita comigo, ele me manda lá para varrer. Isso fez com que, além de tornar-me especialista em limpar o chão, eu já tenha visto centenas de mortos. Para ser preciso, 491 cadáveres até hoje. No início, eles me davam um pouco de medo e calafrios, mas agora só me causam uma respeitosa indiferença. Às vezes, quando termino de varrer, tiro um cochilo dentro de algum caixão vazio, e agradeço aos defuntos por não contarem nada ao meu pai adotivo. É uma das vantagens de viver entre os mortos: eles não incomodam ninguém. Usando a vassoura, adoro fazer pequenos círculos com a sujeira e imaginar que o pó se transforma em enormes besouros, baratas ou aranhas que rastejam pelas paredes. São tão repugnantes que até os cadáveres ressuscitam ao vê-los.

Por uma imposição de meu padrasto, um homem muito pragmático, sempre me visto com roupas pretas. Assim, as manchas e o desgaste das minhas roupas não são muito notados, e minha madrastra tem menos trabalho comigo. Atualmente, esta é a lista de roupas que tenho (também adoro fazer listas!).

MINHAS ROUPAS

- 6 camisas pretas
- 3 suéteres pretos de gola alta
- 1 colete preto
- 2 agasalhos pretos
- 2 pares de sapatos pretos
- 3 cuecas pretas
- 6 camisetas pretas
- 3 camisões de dormir pretos



Acho que usar preto também não me ajuda a ser visto como um jovem normal; mas não me importo, porque é minha cor preferida. Assim como a escuridão e a noite. Adoro mergulhar no breu. Quando fecho os olhos, posso fazer tudo o que quiser: desde imaginar que posso voar até enfrentar um exército de bisões. Acontece a mesma coisa quando escrevo. Posso inventar mundos irreais, criar personagens maravilhosos ou até mesmo torturar meu “meio-irmão” Robert Allan. Por isso, quando for mais velho, quero ser escritor. E, o melhor de tudo, com a imaginação consigo ver, sempre que quiser, minha falecida mãe. Ela chega perto de mim e nos abraçamos.

Uma vez, na aula de artes, me pediram para desenhar um prato de sopa, e eu fiz um retângulo preto mais ou menos assim:



Disse ao professor que ali dentro eu conseguia ver perfeitamente um prato de sopa. Pedi a ele que usasse a imaginação, mas, como a maioria dos adultos, continuou não enxergando o prato.

Então, concretizei mais o desenho:



Fiz um círculo, e assim consegui que, pelo menos, ele imaginasse o prato. Ainda assim, tirei uma nota baixa, porque não houve maneira de fazer com que visse a sopa.

Tenho um amuleto que, devo reconhecer, não é muito “normal”: o olho de um morto, que guardo em um frasquinho com formol. Roubei-o há muito tempo da funerária do meu padrasto e sempre o levo em meu bolso. Além disso, ele me serve como uma arma secreta de defesa. Se alguém me

incomoda, eu aproximo o olho e, em 99% dos casos, consigo que me deixem em paz.

Também tenho um animal de estimação muito especial, um corvo que batizei de Neverland. É a única palavra que sabe pronunciar! Ele a repete constantemente, por isso, não foi muito difícil decidir seu nome. Vive no beiral do telhado da nossa casa, e no inverno, quando faz muito frio, deixo que durma no sótão, onde guardamos os móveis velhos. Às vezes ele me segue aos lugares aonde vou, como se quisesse me proteger lá do céu. Quando me acompanha até a escola, costumo pedir a Neverland que se mantenha a uma distância prudente, para que ninguém saiba que ele e eu somos amigos. Minha irmã mais nova, Rosalie, é uma das poucas pessoas que o conhece. Meu padrasto e meu meio-irmão, é claro, nem sabem de sua existência, pois, caso ficassem sabendo, tenho certeza de que o depenariam e fariam pica-dinho dele sem pensar duas vezes.

Além de ir à escola, eu me dedico a vender sustos. Sim, vendo sustos; esses de assustar. Em troca de uma pequena quantia em dinheiro, meus clientes podem escolher um dentre os muitos que lhes ofereço. E para que servem? Muito fácil. Para amedrontar a pessoa que o cliente mais deteste. Inclusive, fiz um catálogo onde explico, passo a passo, como realizá-los. Vendo desde sustos para intimidar pais cruéis ou irmãos mais velhos aproveitadores até sustos para vingar-se de professores injustos ou de tutores impiedosos.

Meu sonho é juntar o dinheiro necessário para que meus irmãos verdadeiros e eu possamos ir procurar nosso pai em

Dublin, na Irlanda. Com os sustos, já economizei bastante dinheiro e sei que agora vou poder ganhar muito mais. Auguste Dupin, o famoso detetive da Polícia de Boston, me pediu ajuda para resolver dois casos: o de duas mulheres que foram encontradas assassinadas na rua Morgue e o da vedete Mary Roget, cujo corpo sem vida apareceu no rio Charles. Graças à minha ajuda, localizaram o assassino nos dois casos e, em troca, recebi uma generosa recompensa. Agora, espero poder ajudar o detetive em outros casos. O problema é que meu meio-irmão, Robert Allan, roubou todo o dinheiro que eu havia juntado com os sustos e com a colaboração nos 2 casos para a polícia. Ainda não sei como, mas quero recuperá-lo.

Sem mais delongas, apresento aqui meu terceiro relato.

Espero que se divirta... levando uns bons sustos.

Muito obrigado e cordiais saudações.

Edgar Allan Poe





O CAIXÃO

Ser enterrado vivo é, sem sombra de dúvidas, a coisa mais terrível que pode suceder a um simples mortal. E foi exatamente isso que aconteceu comigo. Fiquei preso dentro de um caixão que era somente um pouco maior que as dimensões do meu próprio corpo. O calor é insuportável e não dá para respirar. Você se sente sufocado. Quer se mexer, mas não consegue. De repente, sofre um ataque de histeria e ansiedade. Não sei por quê, mas meus braços estavam esticados sobre meu corpo, com os punhos cruzados. Levantei-os com violência, mas bateram na tampa de madeira, que se estendia sobre mim a apenas 15cm do meu rosto. Por uns instantes, nutri a esperança de que aquilo fosse apenas um terrível pesadelo. Porém, para minha infelicidade, eu estava mais acordado do que nunca, preso num caixão, muito assustado e convencido de que me encontrava muito mais próximo da morte do que da vida.

O fato de eu estar preso naquele maldito caixão era culpa do meu padrasto. Tudo havia começado algumas horas antes. Ele me impusera um castigo: varrer a funerária. Como em muitas outras vezes, eu havia descido para tirar um cochilo em um dos caixões, aproveitando que era a hora em que ele saía para cuidar de coisas como ir ao banco ou visitar futuros clientes. Os féretros mais confortáveis e aconchegantes para dormir são aqueles forrados de veludo, se bem que no verão prefiro os de seda, visto que são mais fresquinhos. Meu padrasto costumava chegar à funerária às 15h. No entanto, desta vez me pegou em flagrante, pois terminou seus afazeres antes do que era de costume. Eu estava dormindo profundamente quando, de repente, abri os olhos assustado. Vi-o na minha frente, olhando-me com cara de poucos amigos.

— O que é isso? Dormindo no caixão? Você é um maldito vagabundo.

Com raiva, meu padrasto empurrou a tampa para baixo. Tudo ficou escuro. Em seguida, pude ouvi-lo trancando o ataúde com a chave e seus passos se afastando em direção à porta.

— Socorro, não me deixe trancado aqui, deixe-me sair!
— gritei histérico.

De repente, silêncio total. Meu padrasto havia me deixado no caixão. E se ele não voltasse por mim até a manhã seguinte? Além disso, naquele dia, eu não havia visto seu ajudante, Rudy Gigant. E se ele tivesse lhe dado uma folga? Era mais do que provável. Lembrei que no quadro onde

constam os funerais da semana, não havia nenhum previs-
to para aquele dia. Normalmente, quando isso ocorre, meu
padrasto dá uma folga pra Rudy Gigant.

Enfiado naquela caixa claustrofóbica na qual mal ca-
bia meu corpo, eu sentia cada vez mais falta de ar. Pelos
meus mortos, não aguentava mais! Tinha até vontade de
vomitar. Notei as gotas de suor descendo pela minha testa.
Tentei me tranquilizar. Um. Dois. Inspirar. Expirar. Não
consequia. Fechei os olhos e procurei me concentrar em
minha falecida mãe; nós dois corríamos pela areia da praia,
respirando a fresca brisa do mar. Contudo, do nada, tudo
ficava escuro; trancado ali, não conseguia nem mesmo ima-
ginar minha mãe. Um. Dois. Inspirar. Expirar. Caso não
me tranquilizasse, ficaria sem oxigênio. Nunca havia pas-
sado tão mal. Pensava que ia morrer. Um. Dois. Inspirar.
Expirar. Eu me perguntava até quando meu padrasto me
deixaria trancado ali. Novamente, comecei a berrar e a ba-
ter na tampa do caixão com minhas mãos e meus pés.

— Socorro, socorro! Alguém me ajude!

Fechei os olhos e comecei a contar.

— 1, 2, 3, 4...

Muitas vezes, eu fazia isso para distrair minha mente, se-
bem que, enclausurado onde estava, parecia que o tempo
havia parado. Lembrei das várias histórias de mortos que
foram enterrados vivos, contadas por Rudy Gigant. Num
desses casos, um homem com idade avançada, que acabou
sobrevivendo, ficou preso no caixão por 2 dias e 2 noites,
até que o vigia do cemitério o ouviu.

— 454, 455, 456, 457...

Agora eu compreendia por que havia tanta gente que temia ser enterrada viva. Ficava cada vez mais difícil distrair minha mente com os números. Sentia a angústia de que cada algarismo me deixava mais perto do meu fim. Até que número conseguiria aguentar?

— 1.211, 1.212, 1.213...

De repente, tive a impressão de ouvir a porta da funerária se abrindo. Meu coração disparou, cheio de esperança. Com os punhos, passei a esmurrar o caixão com todas as minhas forças, enquanto gritava desesperado:

— Socorro! Socorro! Estou aqui!

Alguém caminhava pela funerária.

— Aqui, estou aqui!

— Tem alguém aí? — reconheci a voz de Rudy Gigant.

— Rudy, tire-me daqui, por favor! — insisti.

— Onde estão as chaves para abrir o caixão? — gritou o ajudante do meu padraço.

Eu ofegava desesperado, não podia mais aguentar.

— Não sei. Por favor, tire-me daqui, estou morrendo de verdade.

Por sorte, Rudy Gigant, que havia sido ladrão em sua juventude, sabe arrombar fechaduras. Pegou uma chave de fenda e conseguiu abrir a tampa do caixão sem qualquer dificuldade. Por fim, vi a luz. Mas o que realmente me trouxe um alívio extraordinário foi sentir o ar. Nos primeiros instantes, respirava com a boca bem aberta para absorver o ar o mais rápido possível.